

*Mesa-Redonda
Somos - Grupo de
Afirmação
Homossexual: 24 anos
depois. Reflexões sobre os
primeiros momentos do
movimento
homossexual no Brasil*



MESA-REDONDA

SOMOS – GRUPO DE AFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL: 24 ANOS DEPOIS. REFLEXÕES SOBRE OS PRIMEIROS MOMENTOS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL

RESUMO

Em junho de 2002, oito ativistas da primeira geração do movimento brasileiro de gays e lésbicas (1978-1983) reuniram-se em São Paulo para refletir sobre a história do SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual, o primeiro grupo politizado no Brasil, e a sua relação com outros movimentos sociais da época. Durante esta mesa redonda, conversaram sobre o impacto da participação no grupo Somos em suas vidas, a dinâmica interna do grupo, o seu trabalho em outros movimentos sociais e a herança da organização para o atual movimento de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros.

PALAVRAS-CHAVE

Movimentos sociais, Brasil; Movimento homossexual; Homossexualidade; Esquerda, Brasil

MESA-REDONDA¹

SOMOS – GRUPO DE AFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL: 24 ANOS DEPOIS. REFLEXÕES SOBRE OS PRIMEIROS MOMENTOS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL

APRESENTAÇÃO²

São Paulo, 2002³. Mais de quinhentas mil pessoas na Avenida Paulista. Um carnaval geral. Bandeiras coloridas do arco-íris, o símbolo do movimento internacional de lésbicas, gays e transgêneros. Drag queens vestidos com o verde e amarelo da bandeira brasileira. Jovens casais com as mãos dadas. Beijos, muitos beijos. Uma mistura geral. Pais com as crianças assistindo uma parada que transmitia uma alegria sem limite. Um momento mágico.

O ano de 1978 foi outro momento mágico para o Brasil. Após mais de uma década do regime militar, a queda dos generais parecia eminente. Centenas de milhares de metalúrgicos, após anos de silêncio, cruzaram os braços para protestar contra a política salarial do governo. Estudantes encheram as ruas das maiores cidades brasileiras, com gritos de Abaixo a Ditadura! Estações de rádio começaram a tocar músicas censuradas e estas se tornaram as canções mais populares no país. Negros, mulheres e até mesmo homossexuais começaram a se organizar, exigindo serem ouvidos.

¹ Participaram da Mesa-Redonda: James N. Green (Apresentação), Cláudia Regina, Edward MacRae, Luiz Amorim, Júlio Simões, Peter Fry, Marisa Fernandes, Marcos Rodrigues

² Agradeço a William Martins por sua colaboração na transcrição das fitas de áudio deste encontro informal.

³ As demais datas, indicadas somente pelas décadas, são relativas ao século XX.

Durante o longo verão entre 1978 e 1979, uma dúzia de estudantes, escriturários, bancários e intelectuais reuniam-se semanalmente em São Paulo. Indo de apartamento em apartamento, sentando no chão por falta de móveis suficientes, eles planejaram o futuro da primeira organização pelos direitos dos homossexuais no Brasil. As reuniões se alternavam entre sessões de conscientização e discussões.

Os participantes, na maioria homens gays, mas também algumas lésbicas que iam e vinham, debatiam as últimas matérias contra os homossexuais publicadas pelo jornal escandaloso *Notícias Populares* e a resposta que deveria ser dada pelo novo grupo — Ação pelos Direitos Homossexuais. Eles também liam cuidadosamente cada número da recém-lançada publicação mensal *Lampião da Esquina*. Este novo jornal, um tablóide, era produzido por um grupo de escritores e intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo, e se declarava um veículo para discussão sobre sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia e machismo.

Conforme o verão prolongava-se, o nome do grupo se tornou o centro das controvérsias. Será que o nome — Ação pelos Direitos Homossexuais — desencorajava novos membros a participarem porque declarava de forma muito audaciosa a agenda política do grupo? Talvez o caráter político do nome fosse a razão pela qual só dez ou doze pessoas vinham para as reuniões semi-secretas. Alguns queriam mudar o nome do grupo para SOMOS, em homenagem à publicação da Frente de Liberação Homossexual Argentina, o primeiro grupo pelos direitos gays na América do Sul, que surgiu em Buenos Aires, em 1971 e desapareceu na longa noite da ditadura militar, em março de 1976. Outros propunham um nome que claramente expressasse o propósito da organização: grupo de afirmação homossexual. Nomes que incluíssem o termo “gay” eram sumariamente rejeitados, com a justificativa de que imitavam o movimento norte-americano.

O nome final, SOMOS — Grupo de Afirmação Homossexual, foi o meio termo que o grupo adotou e estreou durante um debate em 6 de fevereiro de 1979, no Departamento de Ciências Sociais, da Universidade de São Paulo [USP]. O debate foi parte de uma série de discussões sobre o tema da organização das minorias brasileiras — em referência às mulheres, aos negros, aos povos indígenas e aos homossexuais — e acabou sendo também o evento em que o movimento de gays e lésbicas do

Brasil “se assumiu”. O painel sobre homossexualidade contou com a presença de editores do jornal *Lampião* e de membros do SOMOS. Mais de 300 pessoas lotaram o auditório. A discussão que se seguiu foi eletrizante, com a troca de farpas e acusações entre os estudantes de esquerda e os representantes homossexuais. Pela primeira vez, lésbicas falaram abertamente sobre a discriminação que elas encontravam. Estudantes gays reclamavam que a esquerda brasileira era homofóbica. Defensores de Fidel Castro e da revolução cubana argumentavam que a luta por direitos específicos, contra o sexismo, o racismo e a homofobia, iria dividir a esquerda. Eles argumentavam que o povo devia se unir na luta geral contra a ditadura.

A primeira controvérsia dentro do movimento homossexual brasileiro começava a delinear-se. Os discursos já tinham sido apresentados. Em um ano, questões táticas sobre alinhamento com outros movimentos sociais ou manutenção da autonomia política e organizacional iriam dividir o SOMOS, então o maior grupo de direitos homossexuais no país, deixando outras organizações espalhadas pelo país desanimadas e sem direção.

Poucos dos que participaram do debate poderiam prever, entretanto, que o movimento homossexual explodiria tão rápido na arena política brasileira. Em pouco mais de um ano, cerca de mil lésbicas e gays lotavam o Teatro Ruth Escobar, no centro de São Paulo, para a cerimônia de encerramento do Primeiro Encontro Nacional de Grupos Homossexuais Organizados. Um mês depois, no Primeiro de Maio de 1980, com a cidade cercada pelo II Exército e em estado de sítio, cerca de 50 ativistas homossexuais marcharam pelas ruas de São Bernardo do Campo, junto com milhares de outros participantes, unidos em comemoração ao Dia Internacional dos Trabalhadores, durante uma greve geral. Quando o grupo entrou no estádio de futebol da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo, foi ovacionado por milhares de participantes.

Como no debate da USP, no ano anterior, a questão de participar do Primeiro de Maio de 80 dividiu o SOMOS e provocou polêmicas no jornal *Lampião*. Aqueles que participaram da passeata argumentaram que a luta pelos direitos de gays e lésbicas e o movimento contra a ditadura militar estavam interrelacionados. Sem democracia, os objetivos das organizações gays e lésbicas dificilmente seriam alcançados. Os oponentes à participação do SOMOS no Primeiro de Maio organizaram um piquenique no

zoológico naquele dia e se separaram do grupo algumas semanas depois, argumentando que a classe trabalhadora e os dirigentes sindicais eram homofóbicos e que o SOMOS era controlado pela esquerda. Em vez de participar da política no dia internacional do trabalhador, eles insistiram que gays e lésbicas deveriam aproveitar esta festa com seus amigos, como os milhares de trabalhadores que não protestaram contra a política da ditadura militar naquele dia. Logo depois, estas pessoas saíram do SOMOS e formaram o grupo Ação Homossexualista.

Seis semanas mais tarde, cerca de mil gays, lésbicas, travestis, feministas e prostitutas marcharam pelo Centro de São Paulo, em protesto contra a violência policial dirigida pelo delegado Richetti⁴. Um movimento político tinha nascido.

O grupo SOMOS continuou com as suas atividades em São Paulo, abrindo uma sede, promovendo eventos culturais e reuniões de conscientização e publicando um boletim chamado *O Corpo*. O SOMOS dissolveu-se no começo de 1984.

Vinte e dois anos depois do Primeiro de Maio de 1980, em 31 de maio de 2002, realizou-se em São Paulo um encontro de antigos participantes do grupo SOMOS. Entre muitas brincadeiras e risos, eles refletiram sobre o passado e o efeito das suas atividades no atual movimento. Reproduzimos, de forma resumida, este bate-papo que aconteceu poucos dias antes da Parada GLBT de Orgulho Gay de 2002 ter trazido mais de quinhentas mil pessoas para a Avenida Paulista.

CLÁUDIA REGINA (Cláudia): *Eu vou começar. Eu fui militante do grupo SOMOS, entrei mais ou menos em 80. A entrada no SOMOS, para mim, foi importante, porque além de eu ter noção de aprender a me respeitar, entender o processo que estava acontecendo comigo, eu também, graças ao SOMOS, comecei a participar da política. Tomei noção de cidadania, de universo, coisa que foi muito importante para minha vida pessoal. Também senti que eu tinha como me defender em sociedade. O SOMOS deu a arma que eu precisava para me defender dos meus preconceitos e dos preconceitos de fora.*

⁴ José Wilson Richetti, na época Delegado da Seccional Centro de São Paulo.

EDWARD MACRAE (Edward): *Conheci o SOMOS mais ou menos em 79. Na época eu estava procurando um tema para a minha pesquisa de mestrado em Antropologia, e essa questão da militância homossexual era uma coisa que já me interessava desde a época em que morava na Inglaterra, quando eu, assim de uma forma periférica, assisti à fundação do movimento feminista. Sempre quis discutir essa questão homossexual de um ponto de vista mais politizado, e foi nessa época que essa possibilidade se apresentou. Eu participei do SOMOS até 81 ou 82, quando me afastei. Continuei tendo-os como meus amigos principais, a minha rede de sociabilidade que foi formada no SOMOS, e é importante até hoje para mim. Daí teve toda a história da militância da AIDS, que foi inicialmente formada por antigos militantes dos vários grupos gays de São Paulo e do Rio de Janeiro. Bom, daí, depois disso, uma série de dissabores, encheções de saco, tristezas e lutos levaram a me afastar da militância homossexual, mas eu continuei na militância da AIDS, tratando mais da questão das drogas injetáveis e AIDS. Era uma forma de lidar com a questão um pouquinho mais afastado e também de abrir novas discussões. Eu sou antropólogo, atualmente sou professor da Universidade Federal da Bahia [UFBA] e trabalho também no Centro de Estudos de Terapia do Abuso de Drogas, que é também da UFBA.*

LUÍZ AMORIM (Luiz): *Entreí no SOMOS em 79. Eu conheci o SOMOS através da revista Peteca, não sei se vocês se lembram. [risos] Eu tinha escrito um anúncio para a Peteca dizendo que eu queria me corresponder com “bofes”, travestis e todos os tipos de homossexuais. Choveram cartas, e uma das pessoas era do grupo SOMOS do Rio de Janeiro.*

O SOMOS foi também muito importante, porque eu tinha migrado para os Estados Unidos em 71, e eu fui para lá trabalhar em fábrica. Nessa ida e volta, eu me perdi culturalmente, você não fica nem lá, nem aqui. E com o SOMOS, foi um reencontro com a cultura nacional e intelectual também.

JÚLIO SIMÕES (Júlio): *Eu era, em 78, aluno de Ciências Sociais. Comecei a ler o Lampião [tablóide Lampião da Esquina]*

nessa época, e acho que foi no Lampião que ouvi falar do SOMOS. A primeira reunião que eu assisti, a primeira reunião geral, era numa época de expansão do SOMOS. Eu fiquei no grupo em 79 e 80. Eu saí um pouco antes do racha, mas não deixei de acompanhar o grupo porque, a exemplo de vários, o grupo marcou pelas relações pessoais, quer dizer, as relações de amizade que eu cultivei lá. Desde aquela época se mantiveram. Depois eu fui fazer pós-graduação, pensei em tomar isso objeto de meus estudos, mas depois mudei. Agora estou querendo voltar, depois de muito tempo, a discutir essas questões.

PETER FRY: *Eu dava aula em Campinas na época, em 74, e não me lembro exatamente como, mas eu fui me inscrever numa reunião da Associação Americana de Antropologia, realizada na Cidade do México, e pela primeira vez botaram a homossexualidade na ordem do dia. Eu tinha uma aluna, Marise, de Belém, e ela me contava da relação entre bichice e umbanda e macumba em Belém. Então eu fui lá passar um mês ou dois, escrevi um pequeno artigo, e deve ter sido aquilo que fez alguém me convidar para participar daquelas primeiras reuniões de o Lampião. Para mim era uma coisa fantástica, imagine, um inglês muito inseguro aqui, e todos nós éramos inseguros por outras razões compartilhadas. Mas eu era muito inseguro porque não sabia onde pisava, não tinha família etc. Então, foi uma coisa que saiu do nada, eu fiquei absolutamente encantado, muito orgulhoso de conhecer essas bichas tão famosas do Lampião [risos] — Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, e cia. Conheci todos assim.*

Quando escrevi esse artigo, eu pensei que eu tinha que militar. Tinha passado a vida inteira vendo a militância alheia: os pretos na África, os operários na Inglaterra, eu não era nem preto, nem operário [risos] e achava que eu podia pelo menos militar pelo que eu era. Mas nesse exato momento aconteceu uma coisa estranhíssima na minha vida, que é de questionar os rótulos. Eu pensei que podia militar no Lampião, porque era um jornal, então quer dizer que não estava vendendo identidades. Achei legal, e mesmo aquela idéia de botar artigos sobre as mulheres, os índios e tudo, mas era um pouco balela, não é?

EDWARD: *Na verdade eu acho que foi o jornal que começou a levantar esse tema das minorias.*

PETER: *Então, o Lampião me atraiu demais, porque eu achava que aquilo era bom. Como eu era desconfiado da militância gay, o Lampião*

parecia um lugar legal para mim, porque era um lugar para escrever. Por isso nunca me entusiasmei pelo SOMOS, porque era contra a rotulação, entendeu, e eu era assim, um pouco acusado disso, um pouco conservador, um pouco reacionário, por achar que essas ondas globalizantes de categorias universais às vezes destroem a fauna local.

Eu me lembro muito bem que a grande discussão era se os michês eram de fato homossexuais. Eu dizia: “Bom, se acham que não são, deixe. Qual é o problema?” Mas para o SOMOS tinha que saber o que são por questão de consciência.

JAMES N. GREEN (Jimmy): *Eu vim para o Brasil em 76. Já tinha trabalhado com um grupo de brasileiros e americanos nos Estados Unidos em atividades contra a ditadura militar. Também militava no movimento gay americano desde 73. Em São Paulo conheci um cara que era da Convergência Socialista e tive um caso com ele. Comecei a militar na Convergência Socialista também. Fui chamado por João Silvério Trevisan, que conheci na Califórnia em 74, para entrar no grupo Núcleo pelos Direitos dos Homossexuais, que tinha sido formado em 78 e logo depois mudou o nome para SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual. Fiz um trabalho de política partidária e um trabalho no SOMOS também. Eu me lembro de que quando o Lâmpião foi enquadrado na Lei de Imprensa eu fui falar com uma mulher da Convergência para pedir conselhos sobre o que devíamos fazer. Ela falava: “Tem que fazer um comitê de solidariedade para o Lâmpião e pedir solidariedade com um abaixo-assinado”. Então fui para uma reunião do SOMOS e disse: “Vamos fazer um comitê de solidariedade para o Lâmpião?”.*

Eu me lembro de outro exemplo, o Dia de Zumbi, que foi o primeiro momento que o SOMOS saiu publicamente às ruas de São Paulo. Eu estava numa reunião da Convergência e alguém me disse: “Olha, vocês do grupo SOMOS, de grupos minoritários, vocês têm que fazer uma aliança concreta com os outros grupos e não só fazer discursos. Vai ter esse Dia de Zumbi, porque você não tenta convencer as pessoas do SOMOS a participar da passeata que o movimento negro está organizando?”. Então

fui para a reunião do SOMOS e falei: “Vamos lá, para o dia de Zumbi”. Bom, eu participei do SOMOS e da Convergência Socialista até o começo de 82 quando voltei para os Estados Unidos.

A minha militância aqui foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Eu me lembro também do Primeiro Encontro dos Grupos Homossexuais Organizados, realizado em São Paulo, em 80, de levantar e falar: “Vamos fazer o dia 28 de junho o dia internacional do luto homossexual”. Falei “luto”, não é? Então acho que foi Marquinhos que falou: “Jimmy, não é ‘luto’, é ‘luta!’”. [risos] E depois Darcy Penteado levantou e falou: “Não, essa coisa de copiar os americanos não tem nada a ver, vamos fazer do 7 de Setembro o nosso dia”. [risos] Mas... essa idéia não pegou.

MARISA FERNANDES (Marisa): Eu era aluna da Universidade de São Paulo, do Departamento de História, em 78. Houve um ciclo de debates sobre as minorias e uma das noites teve uma mesa que falava sobre homossexualidade, onde estavam todos os fundadores do grupo SOMOS. E eu imediatamente fiquei alucinada, porque eu ia poder dialogar com pessoas que estavam organizadas, eu nunca tinha escutado falar em movimento organizado no Brasil. E era um desejo meu desde os catorze anos de idade, quando eu me descobri lésbica. Descobri o amor e a repressão ao mesmo tempo, porque eu não sabia nem que existia lésbica, nem que era proibido, nem que não era uma forma de amor aceita. Me apaixonei por uma menina da mesma forma que eu tinha me apaixonado pelos meninos antes, e aí, como o amor é lindo, eu voltava da escola de mão dada com ela.

Dos catorze aos dezoito anos eu sofri muito, muita repressão, muita violência doméstica, e muita dor. Estava vulnerável, porque eu era menor de idade, eu não trabalhava. Sou filha de operários; eles não tinham informação nenhuma. A gente vivia debaixo da ditadura militar, e eu também tinha muita dificuldade de acesso à informação, por conta da censura. Acho que ainda que não houvesse a censura, talvez aquele próprio momento

da história do Brasil fosse de uma dificuldade de acesso a informações.

E depois veio esse debate, assim, vindo do nada, numa quinta-feira à noite, ia se debater a homossexualidade. Eu fiquei alucinada, era dentro do mesmo prédio onde eu estudava, e participei a noite inteira. Estavam lá os homens do Lâmpião sentados, falando, e no final eles disseram: “Bom, estamos convidando vocês a somarem-se a nós”. E a essa altura eu já estava colada na mesa com as mãozinhas assim: “Eu quero entrar! Eu quero entrar!”. Isso foi numa quinta-feira e a reunião era no sábado seguinte. Aquela sexta-feira não passava. [risos] E no sábado eu fui, era uma reunião que tinha umas trinta pessoas sentadas no chão. E a gente morria de medo de sermos detectados porque era ditadura e a gente tinha muito medo de estar se organizando num encontro homossexual.

Eu me tornei ativista feminista porque dentro do SOMOS eu encontrei, já, homens, gays, que tinham uma consciência feminista, que liam, que tinham saído do país, que conheciam o movimento fora. Me pegaram pela mão e me jogaram. “Você tem que ir. Você tem que ir. Você não pode ser lésbica só, você tem que ser feminista”. Então eu também me tornei uma ativista lésbica feminista.

As lésbicas, elas começaram a aparecer depois de mim e da minha namorada, muito rapidamente. Nós conhecíamos as Frenéticas, que supostamente eram lésbicas. [risos] A gente conhecia a Norminha, as jogadoras de basquete da Seleção Brasileira, que supostamente eram lésbicas; mas era absolutamente virtual o que a gente conhecia.

JIMMY: *E a Maria Bethânia? [risos]*

MARISA: *E a Maria Bethânia, e a Gal e tal. Então a gente não conseguia uma aproximação verdadeira com lésbicas que a gente pudesse sentir, tocar, conversar. Quando as lésbicas chegaram e nos encontraram ali, eu e a Miriam Martins, que era minha companheira, foi ótimo, e rapidamente nós constituímos um subgrupo dentro do SOMOS para poder discutir o que era ser lésbica. A partir daí, a gente começou a enxergar atitudes machistas de homens do grupo, de chamar a gente de “racha”. Então*

esse subgrupo de lésbicas foi identificando diferenças que eram brutais para nós, na época, em relação aos gays. Fizemos uma separação em 80 e formamos um grupo só de lésbicas. Continuei daí para frente o meu ativismo só como lésbica feminista.

PETER: *Como se chamava esse grupo?*

MARISA: *LF, Grupo Lésbico-Feminista. Depois a gente achava que lésbico, não é, puxa, lésbica é a única palavra que é no feminino. Lésbicas somos só nós. Ninguém mais pode ser lésbica, e nós usando a terminação “co”, não é? Então eram essas as discussões. Depois veio Grupo de Afirmação Lésbico-Feminista, aí a gente pôs Grupo de Ação Lésbica, a palavra “ação” dava a combinação com a palavra “lésbica”. [risos] Finalmente conseguimos no português alguma coisa. As discussões, aqueles sábados enormes, intermináveis para discutir uma concordância de português.*

EDWARD: *Agora eu acho que vale lembrar que, embora se estivesse lá para discutir grandes idéias e teorias, o mais importante era o estar lá, a socialização, a sociabilidade. Havia todo esse papo, mas as pessoas estavam se pegando, se beijando. [risos] E era muito importante esse aspecto do SOMOS, das pessoas estarem, algumas delas pela primeira vez, num ambiente completamente positivo em relação aos gays.*

LUIZ: *Você dava as mãos para as pessoas.*

CLÁUDIA: *Todo mundo se beijava.*

PETER: *Muito beijo, muito beijo.*

CLÁUDIA: *Eu lembro, quando eu entrei, o pessoal falava muito sobre essa separação das mulheres. Eu fiquei no SOMOS onde quase todos eram homens. Eu senti um certo preconceito, senti que as mulheres me olhavam diferente. Eu senti o preconceito, porque eu também me preocupava com a luta maior, porque isso era uma discussão que tinha, a luta maior e lutas menores. E eu entrei no SOMOS mas não conseguia ficar mais só na questão homossexual. Era importante para mim, mas eu queria também ver a sociedade como um todo.*

MARISA: *Porque a gente tinha uma ditadura para derrubar, não é?*

CLÁUDIA: *E para mim o inimigo era esse, o inimigo de todos. No meu primeiro ano no SOMOS, eu nem pensava em fazer parte do grupo das mulheres. Para mim o SOMOS estava ótimo, foi ele que me lançou. No entanto eu fiquei*

militando com os homens, e parti para o PT [Partido dos Trabalhadores]. Eu precisava de uma coisa maior, então o PT foi uma abertura para mim. E foi através do SOMOS.

JIMMY: *Dentro do PT você era assumida como lésbica?*

CLÁUDIA: *Era. Eu era assumida, mas teve uns episódios que eu acho que confundiram a cabeça, porque foi dentro do PT que eu transei com os homens. [risos] Aí também sofri preconceito por isso. Lembra uma vez no SOMOS que a gente discutiu se um dia pintasse uma curiosidade de transar com o sexo oposto — vai à luta. Não fica reprimindo, igual a uns heteros aí. A gente entrou numa séria discussão sobre a coisa mal resolvida dos heteros. Aí eu pensei, tive as minhas primeiras relações com mulheres, mas aí no PT pintaram os homens. Eu também não conseguia militar na questão negra porque eu achava que apesar de ter, lógico, a especificidade, eu ainda achava que o problema era maior que esse, estava além das raças. Então eu não conseguia, até porque eu sentia que, nos grupos negros, nos poucos que eu participei, eles eram racistas, tinham essa coisa de muito se defender. Até compreendo, a repressão causa isso mesmo. O pessoal tinha muita reserva com relação a branco, que era uma coisa que tinham as mulheres em relação aos homens. Eu não conseguia ver isso, não conseguia sentir assim, não gosto de reservas nesse ponto. Tudo bem, acho que precisa ter claro algumas questões, mas não criar barreiras. Já chega o que a sociedade impôs. A gente tem que quebrar isso. Nós somos, além de negros, além de homossexuais, além de homens e mulheres, nós somos pessoas que precisam de uma sociedade mais aberta e mais democrática.*

EDWARD: *Eu fui criado na Inglaterra. Nasci no Brasil, mas morei onze anos na Inglaterra onde eu fui para a escola, a faculdade, fiz mestrado, e fiquei lá mais um tempinho. Mas daí eu voltei para o Brasil. Quando eu estava na universidade na Inglaterra, participava com a esquerda inglesa. Era uma coisa muito pouco rotulada. Havia uma influência maoísta, maoísta-anarquista [risos] trotskista... era uma salada. Daí começou o movimento feminista. Eu participei do movimento contra a Guerra do Vietnã e toda uma série de coisas. Então a gente era “do contra”. Daí eu vim para o Brasil e aqui já havia a luta armada. Era a*

época do Médici, era um horror, uma repressão terrível. Eu cheguei aqui, não conhecia muita gente, não conhecia gente de esquerda no Brasil. Então fiquei lá no meu canto, trabalhando na Cultura Inglesa, dando aulas, mas muito crítico. Mas não havia ninguém com quem eu pudesse conversar essas posições mais críticas. Eu lia o Opinião e o Movimento, mas não tinha contato com pessoas que lessem essas revistas e esses jornais.

Quando entrei no SOMOS, achei que seria um lugar para discutir essas coisas. Me lembro um dia, acho que foi nessa primeira reunião que eu fui, que alguém começou a falar de uma forma pejorativa sobre esse slogan Abaixo a Ditadura. E eu não entendia. Eu achava perfeitamente razoável, muito a propósito, que a gente dissesse que era contra a ditadura. Abaixo a Ditadura me parecia perfeito como um slogan. E não era, não era mesmo.

Havia um preconceito contra a esquerda. As pessoas que seriam, objetivamente seriam de esquerda, torciam o nariz para o Lula, torciam o nariz para o PT, para qualquer tipo de organização. Nós fomos muito influenciados no SOMOS pelo o Lampião e, especialmente, pelos artigos do Trevisan. Eu acho que ele era um escritor bastante brilhante, que falava muito bem, era carismático e trazia essa visão de um individualismo militante. Ele não se chamava de anarquista, mas a gente poderia colocá-lo mais ou menos no campo anarquista.

JIMMY: *Talvez um anarquista libertário.*

EDWARD: *É, libertário. O "slogan" do SOMOS era Pelo Prazer. A gente deve fazer o que a gente quer. É isso o que importa. Essa era a ideologia do SOMOS da época. E a gente tinha uma idéia também de machismo, racismo, todos os "ismos" eram mais ou menos iguais, e daí poderiam entrar também, esquerdismo e marxismo. Tudo isso era visto como autoritarismo. E a gente era contra o autoritarismo.*

De certa forma, as pessoas do SOMOS tinham sido criadas já nesse clima de ditadura e já desde o início, eles já tinham uma visão negativa da esquerda. A gente tinha a idéia que a revolução seria feita de uma maneira individualista, pelo prazer, derrubando o autoritarismo, talvez. Nos achávamos que se resolvêssemos a questão homossexual, tudo estaria resolvido.

Nessa época, que seria 79, por aí, a gente sentia que estava à beira da utopia. Muitas pessoas de diferentes grupos da sociedade achavam que, derrubando a ditadura, a sociedade civil ia tomar conta, seria a democracia, seria tudo resolvido. Logo em seguida, quando acabou a ditadura, as coisas só foram ficando mais complicadas porque a gente perdeu essa visão simplista das coisas. Mas é muito importante lembrar que nessa época a gente vivia num clima meio de sonho. Diferente do de hoje. Dá a maior saudade, de uma certa forma. Porque a gente tinha uma esperança de que as coisas iam melhorar, que bastava a gente estar fazendo alguma coisa com a nossa força que a gente ia ajudar, empurrar a coisa e mudar. E hoje em dia a gente não se sente capaz de fazer nada, um sentimento de impotência, de falta de direção e de utopia.

JIMMY: *Como eu era estrangeiro, eu tinha uma vivência da dita esquerda americana, não de partido político, mas uma vivência no movimento contra a Guerra do Vietnã, como o Edward, na Inglaterra. Desde jovem, quando entendi a minha homossexualidade, eu não sentia, eu não sentia uma diferença entre uma transformação esquerdista do mundo, uma transformação social total e uma transformação da sociedade frente à questão da discriminação do homossexual. Para mim não havia contradição. Percebi que dentro da esquerda existia muito preconceito e apostava na possibilidade de uma alternativa da esquerda que poderia ser diferente.*

Voltando para a questão da saída das mulheres do SOMOS. Eu já tinha acompanhado o processo americano das lésbicas participarem de grupos mistos e depois ter esse confronto com o machismo dos homens. Sabia que as mulheres iam querer uma autonomia, iam separar-se. Na reunião, quando algumas pessoas chamaram as mulheres de “rachas”, eu nem entendia a expressão. Alguém tinha que me explicar o que era. Lembro que levantei e disse: “Olha, se as mulheres querem organizar um grupo à parte, elas têm todo o direito de fazer isso, porque elas têm o direito de fazer o que quiserem, na vida”. Mas tinha muitas pessoas novas entrando no grupo, todos os meses entravam pessoas novas, e traziam idéias atrasadas e machistas.

MARISA: *Achavam que enfraqueciam a luta, que a separação das lésbicas era não só uma perda afetiva, "...mas que somos todos homossexuais, elas vão enfraquecer, temos que estar juntos".*

JIMMY: *Eu queria fazer uma pergunta. Das pessoas que participaram do Primeiro de Maio de 80, quando Lula foi preso durante a greve geral, alguém lembra da participação homossexual na passeata dos 200 mil?*

MARISA: *Seria impossível para mim reproduzir o sentimento de ir para o Primeiro de Maio ou não. Existia essa discussão dentro do movimento, quase que uma imposição para que nós não fôssemos, porque a nossa luta era pelo desejo. Sempre achei que a gente era bom como grupo de afirmação homossexual, que a gente devia reforçar o nosso discurso do desejo, que é um pouco, hoje, parecido com a Parada do Orgulho Gay, não é? Você tem milhões de lutas que você pode levar para lá, luta pelos direitos. Mas não é isso o que caracteriza a parada, é o orgulho de amar uma pessoa igual, de sentir prazer, de ir para a cama, é isso que se celebra. Claro que dentro disso vem tudo, com 250 mil pessoas você está cobrando uma posição política, leis e tal. Mas o discurso, o mote dessa parada é isso. Então eu achava importante que a questão do prazer, da nossa sexualidade, fosse ressaltada e trabalhada ali. As discussões, outras, maiores, encabeçando a ditadura, poderiam ter outros fóruns que não necessariamente o grupo SOMOS, aquele espaço de sábado, que nós tínhamos que ter um discurso que nos protegesse, que a gente pudesse ter instrumentos que ajudassem a nossa auto-estima e que nos fortalecesse para dentro e para fora. Esse era o discurso do SOMOS.*

Mas tinha a questão da ditadura que era premente para todos nós, porque para a gente era impossível continuar vivendo neste país ou querer uma idéia libertária como era a do grupo SOMOS dentro da situação política. Você tinha que desmontar aquilo também. E aí chegou o que acho que foi o grande confronto, foi o Primeiro de Maio de 80. Você tinha toda uma luta do Lula no ABC paulista. Sabia que iam sair umas 100 mil pessoas e se sabia que a repressão ia colocar os tanques e aquilo era enorme, para nós, brasileiros. Era aquilo que a gente tinha que fazer,

todos nós. Eu não via nenhum problema de que o grupo de homossexuais estivesse lá também dizendo: “Nós também queremos derrubar esta ditadura, hoje, aqui, no Primeiro de Maio, nós queremos isso”. E sábado, lá na nossa reunião, nós queremos nos fortalecer. E lá no Primeiro de Maio nós queremos isso, enquanto brasileiros. E as discussões foram, bom, foi uma enorme briga, foi um racha. Mas de quase uma imposição para que nós não fôssemos. Naquele momento, o grupo SOMOS, para mim, com tudo o que ele tinha de importante, rachou aqui dentro. Porque ele fez uma coisa que eu não aceitava, que era um desrespeito ao livre arbítrio. Cada um de nós ali, como brasileiro, como cidadão, eu, como filha de operária, como mulher, como nascida na região do ABC, como alguém para quem era insuportável conviver com a ditadura, eu queria ir lá. Nisso eu tinha que ser respeitada, não era o grupo SOMOS que podia dizer para mim se era mais legal a gente ir, se não era legal a gente ir. Eu achei que naquele momento, essa discussão de que se era legal não ir feria o livre arbítrio, reproduzia um pouco o autoritarismo que eu estava querendo combater. E eu me lembro que eu falei isso, com muita dificuldade de falar, primeiro porque eu não era tagarela, igual agora, eu levei anos para falar em público, para ter um discurso articulado. Mas eu queria expressar isso. De alguma maneira eu tentei falar, que eu achava que as pessoas quando acordassem, porque era um domingo, e era um feriado no dia seguinte, que nós quando acordássemos deveríamos exatamente, ouvir o coração da gente, a vontade da gente, igual [...] “Acordei, é Primeiro de Maio, tem uma puta passeata para derrubar a ditadura, vou ou não vou”? Isso eu resolvo comigo, a minha vontade de ir ou não ir. Como é que eu como uma sapatinha ia ficar morrendo de vontade de ir e não ia porque eu estava ligada a um grupo que era muito importante para mim, que era a causa da minha vida naquele momento, mas eu não ia porque ali a gente tinha feito um “bengolado”, um combinado, isso era absurdo.

Fui ao Primeiro de Maio sozinha, porque eu morava ali do lado, em Santo André. Fui até São Bernardo, com o meu carro. Localizei o Jimmy, no meio de cem mil pessoas,

e fui segurando aquela bandeira. E quando a gente entrou no estádio da Vila Euclides, o que foi aquilo? Quer dizer, o medo que nós tínhamos, inclusive de fazer aquela parada, de entrar segurando uma bandeira e de jogarem ovo.

EDWARD: *Do movimento operário?*

MARISA: *Do movimento operário. Medo! Era uma ousadia nós entrarmos naquele momento pulando, gritando, e ser aplaudidos daquela maneira, para mim desmontou a ilusão de outros discursos.*

JIMMY: *Quando, no 1º Encontro dos Grupos Homossexuais Organizados [EGHO] em abril, se perdeu a votação de participar do Primeiro de Maio, houve uma reunião na casa de seu irmão Eduardo, na casa de Alan, onde as pessoas do SOMOS que queriam ir para São Bernardo discutiam o que fazer. Para não rachar o SOMOS, formamos um comitê independente chamado Grupo de Homossexuais Pró-Primeiro de Maio, para não ir identificado como o grupo SOMOS. A gente não queria rachar o SOMOS. Eu lembro que a gente discutiu horas para não rachar o grupo e respeitar as pessoas que não queriam ir ao Primeiro de Maio.*

MARCOS RODRIGUES (Marquinhos): *Eu queria falar só uma coisa desse Primeiro de Maio: eu me lembro nitidamente de duas coisas desse Primeiro de Maio — da gente ter ido pegar as faixas, depois ir para São Bernardo. Aí, depois desse momento, foi um estado de tensão, de choque tão grande, que eu não lembro de nenhum momento, da entrada, de estar lá, com quem estava do meu lado, como é que foi, eu não tenho idéia.*

MARISA: *A lembrança que eu tenho foi de perder o medo, anteriormente era muito medo, muito medo. Medo da ditadura. O que era o nosso medo? Que os canhões viessem para cima da gente, os carros, tanques, a cavalaria, os cachorros, como eles sempre tinham colocado. Mas também dos operários. Aí então era pior, porque a gente já conhecia o esquema do Exército. Mas as pessoas iam matar a gente, eles iam linchar. Esse era o medo da gente.*

JIMMY: *Quem ia linchar, os operários ou os militares?*

MARISA: *Todos. [risos] Nós não iríamos sobreviver, essa era a sensação que nós tínhamos. Quando as mulheres abriram a passeata de mãos dadas com as criançinhas, porque estrategicamente alguém pensou nisso, e foi maravilhoso. E nós ali no meio. E que a ditadura, enfim, que o exército ficou na calçada, segurando o cachorro, olhando a parada passar, os canhões imóveis, eu pensei: “Ah, tá no papo!”*

Mas você andava, você via os caras na calçada sem atacar ninguém. A ditadura ficou quieta, no lugar onde ela devia ficar, e dali para fora, como ela fez. Ela ficou quieta em cima, eram cem mil pessoas, eles não atacaram, eles, pela primeira vez, não soltaram um cachorro, um cavalo. Então, se o Exército ficou quieto na rua, imagina se os operários iam fazer alguma coisa. Então eu perdi o medo naquele momento, porque eu tinha corrido muito da polícia. Dentro da USP, era o movimento de 77, estudantil, a gente tinha sido preso, então eu tinha muito medo da mão do Exército, dos operários menos, mas eu achava que vinha todo mundo, todo mundo. A gente ia ser realmente linchado, pelo moralismo. E não foi. Àquela hora se precisava de todas as forças possíveis para se fazer aquilo, e essa compreensão todas as pessoas tiveram quando entraram os homossexuais, éramos nós ali. Então eu acho que isso foi bárbaro. Eu lembro que eu perdi completamente o medo, já entrei sambando, dançando, a gente andou pulando.

CLÁUDIA: *A nossa faixa aparece em uma foto, uma das fotos mais famosas do Primeiro de Maio.*

MARISA: *Aplaudidíssimos. Foi lindo.*

JIMMY: *E as faixas, uma dizia: Contra a Intervenção nos Sindicatos do ABC e, embaixo, escrito: SOMOS— Grupo de Afirmação Homossexual; e a outra faixa: Contra a Discriminação ao/a Trabalhador/a Homossexual. Ficamos bem visíveis com as faixas bastante chamativas.*

MARISA: *E a diferença da passeata contra a repressão do delegado Richetti, onde o movimento minoritário estava organizado inteiro na rua, então nós tínhamos os homossexuais, mas nós tínhamos também os profissionais do sexo, as feministas estavam, o movimento negro estava.*

MARQUINHOS: *Era um número grande, um número grande.*

MARISA: *Então as minorias estavam de uma maneira juntas, ali.*

Mas no Primeiro de Maio nós estávamos absolutamente sozinhos.

LUIZ: *A passeata contra Richetti foi incrível, porque a gente começou tudo ali em frente do Teatro Municipal, não é? A gente segurou aquelas faixas, escrito “homossexual” em cima, aí você fica esperando que alguém vá fazer alguma coisa, até esperar as pessoas, que não chegaram ainda... ai meu Deus do céu! [risos] Não via a hora de começar aquela parada, para andar rápido.*

JIMMY: *E o impacto de tudo isso no Brasil e no movimento hoje?*

MARQUINHOS: *Eu, recentemente, estava conversando com o Roberto de Jesus que organizava a Parada Gay e falei assim: “Essas paradas, isso que vocês estão fazendo, nós tentamos fazer milhões de vezes”. Fizemos várias passeatas, não só passeatas, como “calçadada”. E fizemos em função de ir levar um documento para o presidente da Câmara Municipal, que estava havendo a morte de vários homossexuais. O irmão de José Celso Martinez Corrêa tinha sido assassinado e o Sindicato dos Artistas encampava uma luta com a gente. Fizemos um documento pedindo mais segurança na cidade e marcamos um encontro na Praça da República, para ir em passeata até a Câmara Municipal. Aí, o número era tão insuficiente, que nós fomos pela calçada. [risos] Nós não tínhamos as passeatas mas nós tínhamos uma visibilidade muito grande. Panfleteávamos aquele gueto no Centro de São Paulo todo e acho que não tinha ninguém nessa cidade que não conhecesse o SOMOS. Todos conheciam. Participantes do grupo eram cerca de 50, 60. Mas se você falasse do grupo SOMOS, desde a elite até o gueto, todo mundo sabia o que era.*

MARISA: *Que se acabou com a AIDS. Lembra como o advento da AIDS desmobilizou? Vamos pensar esse movimento sem a AIDS, sem aquele esvaziamento. O SOMOS realmente acho que esvaziou muito.*

EDWARD: *Eu não acho. Para mim o que desmobilizou o movimento foi a democracia, entre mil aspás, a partir de 82, por aí. Pode ser até que, em termos numéricos, tenha continuado mais ou menos o mesmo, e em termos de atividades, continuava fazendo coisas, tinha um clube de cinema, tinha*

a sede. O Fernando Henrique, Ruth Escobar, o Eduardo Suplicy estiveram lá na sede.

JIMMY: *Na Rua da Abolição?*

LUIZ: *O Suplicy deu mil reais, a moeda daquele tempo, mil cruzeiros, para um Livro de Ouro do SOMOS.*

EDWARD: *Nessa época o Lamião desapareceu, acho que foi um sinal desse processo todo de esvaziamento. Essa coisa da sociabilidade dentro do grupo, começou a haver outros lugares onde você poderia fazer a sociabilidade, paquerar, fazer o que você quisesse, sem a encheção de saco dos conflitos de grupo.*

JIMMY: *Eu entrevistei Eduardo Toledo, em 93, sobre a história do SOMOS e perguntei: “Por que acabou o grupo? Foi por causa da AIDS?”. Ele respondeu: “Não, a gente estava começando a falar sobre a AIDS, mas não tinha uma resposta, não sabia o que responder a isso. Houve um desgaste geral. As pessoas tinham que lutar com todos os meios para pagar o aluguel da sede. O grupo não crescia como se imaginava. Ficava mais ou menos o mesmo número de pessoas, e pessoas cansadas. Muitas pessoas que tinham jogado sua vida por esse movimento perceberam que tinham que fazer outras coisas para resolver a sua situação econômica. Havia uma recessão em 82 e 83. Essa foi uma crise econômica muito grande, muitas pessoas ficaram desempregadas, e era mais difícil, era um peso pagar aquele aluguel naquele lugar”.*

EDWARD: *Essa questão da crise econômica, eu me lembro, que isso foi uma coisa forte mesmo. Havia pessoas que tinham carro e que pararam de ter carro. Teve um empobrecimento notável entre os membros do SOMOS.*

Outra coisa que é interessante lembrar, é que o SOMOS não se colocava como Abaixo a Ditadura, mas era Abaixo o Discurso Médico, porque tinha a idéia de que homossexual era doente. A gente tinha que primeiro provar para a gente que nós não éramos doentes. Essa era a primeira coisa do SOMOS, era de mostrar para nós mesmos que havia outras pessoas que eram que nem a gente, que eram normais. E depois a gente tinha que provar para a sociedade. Então teve essa questão do CID, Código Internacional de Doenças.

Quando apareceu a AIDS a minha primeira reação foi: “Inventaram mais uma coisa para dizer que homossexualidade mata”. Este pensamento era absolutamente compreensível e de certa forma de bom senso. Eu acabei tendo sorte. Fui para os Estados Unidos e passei uma semana em Nova Iorque. Tive a oportunidade de entrar em contato com alguns líderes gays e pessoas que eram próximas da luta gay. Eu vi pessoas que algum tempinho antes estavam levando esse tipo de discurso. Estavam preocupadíssimas, e dizendo: “Não, não deve mais ir à sauna, não deve fazer isso... deve usar camisinha”. Um monte de sexo seguro. Nem sabiam direito o que era a causa da AIDS nessa época. O vírus não tinha sido isolado. Mas eles estavam levando muito a sério. Então, quando eu vim para cá, eu comecei a levar a coisa a sério.

MARQUINHOS: Recentemente, não sei quanto tempo faz, o Boris Casoy fez uma entrevista com o Fernando Henrique. Aí o Boris Casoy fez várias perguntas para ele e uma das perguntas era assim: “O que você acha da união civil entre parceiros do mesmo sexo?”. E ele respondeu: “Nessa história quem está interessada é a Marta Suplicy”.

LUIZ: Ele esqueceu que esteve no SOMOS?

MARQUINHOS: E ele esqueceu que a mulher dele é antropóloga.

EDWARD: E feminista. Quando eu era aluno da Ruth Cardoso, quase orientando, uma vez eu falei para ela: “Ah, o Fernando teve lá no SOMOS”. Ela disse: “Olha, ele nunca me falou”. [risos]

JIMMY: Essa sede do SOMOS era no segundo andar, num lugar muito pobre.

MARISA: Um muquifo.

JÚLIO: Nessa época, a gente deve lembrar que o questionamento dos papéis sexuais foi uma coisa importante numa contestação cultural que aconteceu na década de 60 e de 70. Então eu freqüentava esse meio e daí eu comecei a freqüentar o SOMOS e fiquei impressionado de como o SOMOS era careta.

JIMMY: Eu queria fazer uma outra pergunta sobre a disputa do poder. Quem tinha poder dentro do grupo?

JÚLIO: Eu acho que tinha uma coisa interessante no SOMOS, que era talvez a retórica do Trevisan, e que talvez expressasse

melhor essa valorização de que cada um também tinha a possibilidade de expressão. Os grupos todos deveriam ter legitimidade de colocar suas questões. Precisava respeitar especificidades. E isso era uma coisa que particularmente me atraía porque a experiência de militância que eu tinha era de ser periferia da LIBELU — Liberdade e Luta — no movimento estudantil. Abaixo a Ditadura era uma palavra de ordem polêmica porque as tendências mais cautelosas achavam que isso não era para ser discutido. Então os trotskistas sempre foram bem mais divertidos sobre esse aspecto. Puxavam mais a questão. Mas essas questões particulares não eram para ser muito postas mesmo.

Eu compartilhava bem dessa idéia de que havia uma repressão, do ponto de vista da luta maior em relação às lutas menores porque eles unificavam contra a ditadura. Esse era o grande poder, mas precisava também combater os pequenos poderes, que estavam presentes nos discursos e, sobretudo, nos discursos mais organizados. Quem tinha um discurso bem organizado era aquele que fazia melhor essa crítica aos vários poderes, e ele estava lá, exatamente, exercendo o poder sobre todos. Não digo que era o Trevisan que fazia, mas ele expressava com muita força. E isso era uma ideologia, ao mesmo tempo que eu compartilhava porque permitia brechas para essas coisas. Então as especificidades têm que ser colocadas, então é importante.

CLÁUDIA: *Até no movimento negro chegou a formar um subgrupo.*

JÚLIO: *Mas, enfim, esse respeito às particularidades, acho que é esse um discurso forte, quer dizer, todo um discurso muito impositivo podia ser questionado em nome da especificidade.*

JIMMY: *Será que este discurso anti-impositivo era um discurso impositivo, que proibia visões diferentes? Você tinha que ser anarquista ou libertário para poder estar no grupo. Se você tinha uma posição diferente, você era marginalizado.*

JÚLIO: *Você deu um exemplo interessante. Teve que se criar um comitê de homossexuais que apoiava o Primeiro de Maio, para não rachar o grupo. Teve que se fazer todo um esforço de você respeitar especificidades e não quebrar a unidade. Tinha essas duas coisas, mas é claro, você tinha*

um respeito, não a um centralismo democrático, mas só às decisões realmente fortes apoiadas pelo grupo que deveriam ser assumidas pelo grupo.

LUIZ: *Consenso era a palavra.*

JÚLIO: *Consenso. Isso era característica dos movimentos sociais dessa época, porque a tomada de decisão coletiva, a consciência de que realmente era legítima, era como se fosse uma espécie de pequena vontade geral.*

MARISA: *Mas que era muito pequeno também, na verdade, porque a gente ia se fechando, e acho que isso que o Jimmy falou é absolutamente certo. Qualquer pensamento contrário ou diferente era rechaçado. Era quase que uma imposição de que o SOMOSTeria essa postura, como se fosse possível um grupo falar a mesma língua. Mas a gente não tinha essa, acho que falta de...*

LUIZ: *Democracia?*

MARISA: *Para muitos de nós era a primeira vez que se estava num grupo ou organização, então a gente aprendeu fazendo. Não tinha feito antes, foi fazendo ali, e caracterizar o que era a homossexualidade, o prazer, o orgasmo, isso era muito ressaltado. Essa era a nossa luta. Qualquer coisa que era libertário e qualquer coisa diferente disso era rechaçada. E nós éramos muito limitados na nossa visão, embora seja um pedacinho bastante interessante, ela era muito limitada.*

Nós nos constituíamos enquanto um grupo de lésbicas. Éramos lésbicas feministas. Mas o que de verdade a gente não acatava ali, eram as lésbicas que eram, por exemplo, bissexuais, ou as lésbicas que engravidavam. Eram rechaçadas.

LUIZ: *Era escondido. Eram colocadas debaixo do tapete.*

MARISA: *Foram quase expulsas do grupo. A gente constituía uma elite no poder. Quem era? Eram as brancas, as que tinham um discurso. Eram as maravilhosas. E, ao mesmo tempo em que a gente achava óbvio, isso eu vejo agora, 24 anos depois, nem achava que estava discriminando. A gente tinha um grupo que se chamava grupo de identificação. Você abria a porta e acolhia no grupo, um grupo de acolhimento de atitude. Que acolhimento era esse, em que entrava sapatinho ruim? Só a fim de resolver o problema dela de solidão ou para arranjar uma namoradinha. Ninguém tinha muita paciência. Aí nós continuávamos com o nosso discurso feminista, 200 anos na frente e elas não acompanhavam e a gente também não as trazia.*

LUIZ: *Era falta de experiência.*

MARISA: *A gente acreditava que fazia isso. Esse exercício de poder, porque tínhamos um discurso articulado, tinha um trânsito melhor com os iluminados, os gays iluminados do grupo SOMOS. Na verdade, o primeiro movimento homossexual era muito classista.*

JÚLIO: *Mas estava mais na base do capital cultural.*

MARISA: *Evidentemente, de ter sido branco, de ter tido acesso.*

CLÁUDIA: *Mas eu acho que na época os homens tinham um pouquinho melhor isso, pelo menos na hora em que eu entrei. Eles conversavam mais e era uma cobrança que eu fazia para as mulheres. Eu cansava de falar nas reuniões, não do movimento feminista, que eu não cheguei a participar diretamente, mas em outros grupos. A minha briga era essa, que a gente tinha tanta informação guardada e uma mulherada na periferia sofrendo horrores, perdidas sem a menor noção de informação, e não tinha espaço. Eu lembro que os grupos eram voltados para si mesmos. Era aquela coisa. As reuniões em horas e locais que as pessoas que trabalhavam não podiam. Atividades que sempre envolviam dinheiro que nem sempre todo mundo podia colaborar. Eu lembro que tinha muito preconceito, as pessoas tinham reserva com as sapatões do gueto como se as sapatões do gueto fossem trazer algum perigo.*

Era difícil o trabalho. Eu lembro que era mais difícil, tanto que eu não conseguia ficar. Por isso que brigava, falava assim: "...não, eu conheço as meninas, elas precisam de informação, tem muitas que precisam de informação". Eu falava assim: "...gente, a gente precisa ir nos bares, as mulheres estão lá, elas também precisam".

LUÍZ: *Os homens iam mais.*

CLÁUDIA: *...e os homens resolviam isso melhor.*

LUÍZ: *A gente tinha até travesti no nosso grupo.*

CLÁUDIA: *Exatamente. E eu achava isso muito bom, até hoje eu acho que isso foi muito importante.*

EDWARD: *Eu posso estar enganado, mas eu acho que o gueto masculino era bem mais desenvolvido do que o gueto feminino.*

LUIZ: *Eram poucos, não é?*

EDWARD: *Boa parte das pessoas que entravam no SOMOS, que vinham ao SOMOS eram recrutadas no gueto.*

MARQUINHOS: *Eu estava lembrando, você falou agora do gueto, tenho que falar de uma pessoa que foi exuberante que foi o Eduardo Toledo. O Eduardo Toledo é assim uma figura de uma beleza. Primeiro, uma beleza de pessoa e de um despojamento total, sem nenhum tipo de barreira, com nenhum tipo de pessoa. Ele tinha o mesmo comportamento com o travesti, a bichinha lá de Itaquera, operário. Ele tinha um comportamento de amor mesmo.*

LUIZ: *Ele vivia a utopia ao máximo.*

JIMMY: *Foi a pessoa que entregou as chaves da sede do SOMOS, no final.*

CLÁUDIA: *Mas só um parênteses, eu não sei se é impressão minha, mas às vezes colocam um discurso. Eu tenho a impressão que não é que não valeu, que hoje é diferente porque não tem uma utopia. Eu acredito que, eu ainda sonho, eu acho que a gente está transformando bastante as coisas. Creio que a sociedade como um todo, ela está evoluindo.*

Acho que o nosso trabalho pode continuar, a gente ainda pode sonhar. A Parada é a prova disso. Esse é o impacto que eu acho do SOMOS. Os caras chegaram lá aonde a gente queria, então eles podem ir mais longe. O Fernando Henrique admitiu em campanha. Ele falou da questão, pressionado ou não, falou. Ele, o presidente. Não foi só a Marta Suplicy que falou. Então essas coisas todas me deixam com uma esperança de que tem que continuar sonhando.

JIMMY: *Mas eu acho que, se você vê uma coisa linear, você está equivocada. Na minha perspectiva surgiu um movimento aqui, que tinha uma influência internacional. Houve uma dialética entre o nacional e internacional. Veja por exemplo, o Lampião e o SOMOS e a dinâmica entre eles. Era um intercâmbio muito dinâmico, um sustentava o outro. O SOMOS de São Paulo acabou, mas o Luiz Mott foi inspirado pela experiência do Lampião e do SOMOS e fundou o Grupo Gay da Bahia. Segurou a barra na Bahia e inspirou outras pessoas. Depois João Antonio Mascarenhas, que tinha participado do jornal Lampião, continuou a luta com o grupo Triângulo Rosa e fez essa batalha pelos direitos*

dos homossexuais na Assembléia Constituinte de 87 e 88 quase sozinho, com a máquina de escrever dele.

MARISA: *É um processo mesmo porque não pára. Acho que a gente desmobilizou, digamos, em 83, acho que não existia mais nada nessa época. Mas quando eu fui no primeiro Mix Brasil, o Mix Brasil esse ano está fazendo dez anos, eu fui ao primeiro Mix Brasil. Alice estava ali comigo. Ia fazer a abertura, e nós imediatamente achamos, eu e a Alice, que eles tinham que fazer uma fala, ler uma carta, na abertura da primeira sessão ao Mix Brasil dizendo que aquilo estava acontecendo anos depois, mas que tinha tido uma história, que era uma consequência. Foi uma luta, porque a Susi Capó e o André Fischer não queriam: "Não, o Mix Brasil não tem nada a ver com esse movimento. Isso é coisa absolutamente superada". E ele chamou eu e a Alice de duas velhas loucas. Óbvio que hoje nós somos super parceiros do Mix Brasil, da Susi, enfim, mas eles também não conseguiam ver isso...*

ROUND-TABLE

SOMOS – GRUPO DE AFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL: 24 YEARS LATER. REFLECTIONS ON THE FIRST MOMENTS OF THE HOMOSSEXUAL MOVEMENT IN BRAZIL

ABSTRACT

In June 2002, eight former activists from the first generation of Brazil's gay and lesbian movement (1978-1983) met in São Paulo to reflect on the history of SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual, Brazil's first politicized group, and its relationship to the social movements of that period. During this informal round-table discussion, they discussed the impact of participating in Somos on their lives, the internal dynamics of the group, their work in other social movements, and the legacy of the organization for the current movement of gays, lesbians, bisexuals, and transgendered people in Brazil.

KEYWORDS

Social movements, Brazil; Homosexual movement; Homosexuality; Left, Brazil



Encontro no Rio de Janeiro para a “Mesa-Redonda”: da esquerda para a direita a partir da primeira poltrona: Claudia Regina, Luiz Amorim, Marquinho, Edward MacRae, Julio Simões, Peter Fry, James N. Green e Marisa Fernandes, jun. 2002.